



Ivo Reis Santos*

RESUMO

Este trabalho se debruça sobre o problema da angústia em Heidegger. Partindo da percepção de angústia no senso comum e científico, enquanto psicopatologia, e estabelecendo essa diferença, pretende-se abordar como a angústia conduz para a experiência negativa a partir da qual se tem a tonalidade afetiva fundamental para o desvelar do *Dasein*, conforme se verifica em *Ser e Tempo* e na produção filosófica posterior do filósofo alemão. A discussão é fundamentada nos trabalhos de comentadores que se preocuparam especialmente em discutir os conceitos de cuidado, angústia e experiência negativa em Heidegger, objetivando analisar como o despertar dessa angústia se torna a revelação do ser.

Palavras-chave: Fenomenologia. Angústia. Heidegger.

Anguish as the opening of possibilities for a philosophical awakening

ABSTRACT

This work is an excerpt from a broader research carried out at the undergraduate level, it focuses on the problem of anguish in Heidegger, starting from the perception of anguish in common and scientific sense, as a psychopathology, and establishing this difference, it intends to approach how anguish in Heidegger leads to the negative experience from which one has the tonality fundamental affective for the unveiling of *Dasein*, as can be seen in *Being and Time* and in the later philosophical production of the German philosopher. The discussion is based on the works of commentators who were especially concerned with discussing the concepts of care, anguish and negative experience in Heidegger, aiming to analyze how the awakening of this anguish becomes the revelation of being.

Keywords: Phenomenology. Anguish. Heidegger.

A angústia como abertura de possibilidades
para um despertar filosófico

Martin Heidegger (1889-1976) destaca-se como um dos pensadores mais importantes, influentes e originais do século passado, sendo um dos grandes nomes a tratar da fenomenologia ontológica. Um conceito central em toda a sua obra é o de angústia, também tratada por outros pensadores e discutida de maneira diversa por várias ciências diferentes que se debruçam sobre os mistérios do comportamento humano. Diferentemente de tantos outros, entretanto, Heidegger trata da angústia não como algo a ser evitado em nome de uma boa vida, mas como um privilégio.

A palavra angústia no senso comum remete a sofrimento, a uma instância afetiva e emocional sufocante e até torturante, que não permite seguir a vida do mesmo jeito. Um incômodo que, como um vórtice, suga para si tudo o que se percebe no horizonte, todo o anterior e posterior, e tudo ao redor, em um núcleo doloroso e invariável, frio e implacável. A psicologia trata da angústia como um elemento delicado da mente que se relaciona com medo, sendo definida como um “medo intenso não justificado” (AULETE, 2011), gratuitamente afetando o indivíduo no sentido mais patológico da palavra, sendo tratada por diversos teóricos¹ como um sintoma de perigosos traumas e expressão de medos originários.

Há, na natureza do incômodo, um caráter sintomático deveras relevante. Enquanto a angústia é vista, dentro de tradições religiosas, como um elemento ligado diretamente à vaidade intelectual na busca por conhecimento (MASSAROLLO JUNIOR, 2020, p. 31), a perspectiva da necessidade de atenção que a dor carrega consigo faz com que o doente não consiga cumprir suas obrigações, realizar tarefas, enfim, seguir em frente na vida, sem que a dor permaneça martelando seu estado mental, chamando-o de volta à condição de doente, da qual ele não se desvencilhará facilmente. Para além de um caráter existencialista, a angústia assim entendida, como uma dor da mente, se torna matéria de estudo própria da psicologia.

O alemão, por outro lado, trata a angústia como um privilégio. Para compreender esse conceito tão complexo e ao mesmo tempo tão definitivo dentro da fenomenologia heideggeriana se faz necessária uma análise daquilo que o pensador desenvolve sobre o assunto em sua célebre obra *Ser e Tempo*, em que ele apresenta

¹ Temos por exemplo a abordagem de Freud, onde a angústia é vista como o núcleo central de uma neurose, como um sintoma que faz aflorar livremente um quantum neurótico (FREUD, 2006), selecionando as representações através da expectativa, afetando já desde pronto qualquer outra representação e o modo como se conecta com quaisquer outros conteúdos representativos, de modo que, em sua constante busca pela felicidade, o homem busca experiências que suplantem a angústia, em via de tirá-lo dessa instância neurótica.

seu projeto para uma ontologia fundamental, e segue conceitualmente aprofundando tal conceito, o de angústia, em sua produção posterior, amplamente discutindo-o em suas aulas, conferências e ensaios posteriores.

***Dasein* o ente privilegiado e sua capacidade de angustiar-se**

Como é possível, pois, ter algo incômodo e desnorteador como um privilégio? É através deste questionamento que este trabalho se originou. Como a angústia pode ser vista como uma abertura potencializadora e não como um afeto a ser evitado e suplantado, Heidegger propõe que se deve encará-la como algo constitutivo de uma compreensão de vida. Diferentemente do que se imagina comumente por angústia, o pensador a trata de forma diversa, como uma instância existencial, demasiadamente humana, que permite a abertura para a percepção de uma instância ontológica constitutiva de existência própria do *Dasein*². Se apenas o ser humano sabe que existe, também será dele o privilégio de perceber ser, de se compreender como este ser-aí.

Quando observamos que o ser humano apenas assimila aquilo que lhe é colocado, e assim vai respondendo às questões que se apresentam utilizando-se de respostas já por outros realizadas, como o que Nietzsche chama de estágio do camelo, onde apenas se leva a carga que lhe é colocada, e inclina-se para receber mais e seguir assim carregando: “o que há de pesado” (NIETZSCHE, 1983, p. 43), têm-se uma instância confortável, que será suplantada pelo estágio criador do leão. Nesta metáfora de Nietzsche podemos observar os diferentes estágios do desenvolvimento humano. O estágio do “camelo” representa uma fase em que o indivíduo simplesmente aceita e carrega as cargas de conhecimento que lhe são impostos. Por outro lado, o estágio do “leão” é uma fase em que o indivíduo começa a questionar essas imposições externas e a buscar sua própria compreensão e autonomia. O leão representa a coragem e a vontade de enfrentar as ideias e criar significados e valores.

² Neste trabalho optou-se por traduzir o termo alemão *Dasein* por ser-aí, seguindo a compreensão do mesmo termo presente em outros idiomas como; francês, inglês e espanhol também traduzem a expressão *Dasein*, por être-lá, being-there e ser-ahí, respectivamente.

Em Heidegger, no entanto, essa superação não se dará senão passando pela via negativa, que lançará o homem em um estágio de ausência de resposta, para só então, a partir da terra aplainada, construir com solidez sua autonomia. Tal percepção, embora assemelhe-se ao cogito de Descartes, e também tenha, tal qual no caso do proposto pelo pensador francês, uma instância metafísica fundamental, trata-se, na perspectiva aqui assumida, dentro do proposto por Heidegger, muito mais que uma investigação do ponto inicial da atitude filosófica, e do modo como essa atitude se relaciona com o desvelamento de ser. Dado o ser-aí, a pergunta pelo Ser é a questão filosófica por excelência (WEYH, 2019).

A ontologia fundamental de Heidegger, entretanto, não se encerra, como pode levar a crer uma leitura superficial desse problema da superação da experiência negativa, em aspectos puramente epistêmicos, mas possui uma profunda ligação com uma investigação da existência humana e de como o homem como ser-aí se reconhece em ser-no-mundo. Dentre os conceitos que compõem a analítica existencial presente em *Ser e Tempo* e em outras obras, ocupa um espaço de suma importância o de “cuidado” (*Sorge*), como essência do ser-aí. Não cuidado enquanto ação ativa de zelo ou de cura, mas como uma disposição existencial fundamental.

Ao questionar se a angústia pode ser ou não considerada como uma abertura de possibilidades para o ser-aí, se faz necessário primeiro entender de que angústia estamos falando. Para o filósofo alemão Martin Heidegger, existe apenas um ente dotado do privilégio de compreender o mundo ao seu redor: este ente, em linhas comuns, é o ser-aí que está inserido no mundo de forma contingente, abrindo constantemente a necessidade de se determinar no mundo, e transformando o mundo a partir de suas significações e ressignificações, uma vez que:

A angústia possibilita para o ser-aí a experiência do desvelamento dos entes como entes que estão aí. Não há, como na cotidianidade, um para quê determinado. Por isso, a mesa perde o sentido, a cadeira perde o sentido, o martelo perde o sentido; os entes, na insignificância, se nivelam na indiferença, diante da qual o ser-aí se espanta com o puro fato de que eles simplesmente são (ALVES, 2019, p. 13).

A angústia aqui se assemelha a um tipo de medo, sentimento que se tem mediante a algo que se teme, um gatilho causador deste sentimento, levando o sujeito a se distanciar do seu referencial causador. Porém, ela se difere destas emoções que necessitam de algo para serem manifestadas, pois ela já paira o tempo todo sobre

aquele que existe no mundo. Essa noção tem como berço de origem Kierkegaard, em *O Conceito de Angústia* (2013), que a caracteriza como um medo sem referencial, ou seja, uma angústia fora de foco, e que para Heidegger não há uma razão específica, e se houver, seria o próprio nada. Esse nada que desvela o todo do Ser no mundo que é o próprio *ser-aí*.

Diante dessa amplitude de temas abordados, limitaremos-nos exclusivamente no que tange ao problema da angústia partindo do seu conceito presente no parágrafo 40 da obra *Ser e tempo*, para então destacar como essa tonalidade afetiva se manifesta e quais os seus impactos na existência do *ser-aí*, ente este que está lançando no mundo e rodeado de significações abertas pela sua disposição, já que

Na verdade, pertence à essência de toda disposição abrir, cada vez, todo o ser-no-mundo, segundo todos os seus momentos constitutivos (mundo, ser-em ser-próprio). Só na angústia subsiste a possibilidade de uma abertura privilegiada na medida em que ela singulariza. Essa singularização retira a presença de sua decadência e lhe revela a propriedade e impropriedade como possibilidades de seu ser (HEIDEGGER, 2018, p. 257).

Ao observamos essa angústia como uma experiência negativa, destaca-se que a experiência que mais define o despertar filosófico, a passagem de um estágio de conformidade e de assimilação de conceitos postos para um momento de busca pelas respostas incômodas e discrepantes daquilo já estabelecido, é árdua. É o rito de passagem, gratuito e sem outra pretensão senão a resposta, busca fundamental do questionamento filosófico ao qual se dá o nome de experiência negativa.

Desde a caverna de Platão (2019, VII 514a-517c) é destacado como a busca pelo além das sombras no fundo da caverna, o exterior à luz do sol da filosofia, é difícil. Os olhos tão acostumados ao escuro da caverna, bem como a mente acostumada a acreditar que aquelas figuras projetadas como sombras eram, por assim dizer, verdade, e seres vivos, e deuses, ao primeiro contato com os raios da luz do dia, livre, desobstruída e indo direta à percepção daquele homem que se atreve ao rompimento com as correntes antigas, sofrem. Uma dor ardente, que por um segundo faz pensar que nada na busca faz sentido. Imaginando ser aquela a recompensa pelo esforço de sair de suas tão confortáveis tradições ancestrais do fundo da caverna, desconfiando que sua busca é não só um erro, como também um autoflagelo gratuito.

Bornheim (2009) chama a postura inicial, da qual esse homem agora se afasta, presente no fundo da caverna, de postura dogmática, que, apresentando segurança,

sem respostas a serem buscadas, mas antes com os preceitos a serem seguidos, é imposta por pessoas que oferecem a esse homem um mundo pronto, definido, fechado e resolvido. Entretanto, é diante da desconfiança que esse homem percebe que talvez aquele mundo pronto não seja tão firme, que as verdades por ele impostas não sejam inabaláveis. É o difícil momento no qual se dá a revelação de uma postura que antes era natural como sendo agora periclitante:

A criança, que vive na incerteza dos “grandes olhos terríveis e doces” de seus pais, cresce, e crescendo, os seus pais como que tomam distância: ela os vê, ela os julga. Descobre, concomitantemente, que está só, que deve assumir o mundo, e descobre também que isto não é fácil, que dói. Aqui começa a biografia, o drama humano, coincidente com a descoberta de que este mundo talvez não seja tão absoluto e seguro (BORNHEIM, 2009, p. 71).

Esse momento de descoberta, que pode levar, em casos extremos, à negação do mundo anteriormente conhecido e aos seus valores, apresenta ao homem que aqui se coloca o nada, de modo nunca por ele experienciado. A dissociação da realidade aqui realizada também traz uma instância existencial que, levada ao extremo, pode conduzir mesmo a esse niilismo, esse esvaziamento de sentido que conduz à angústia como um estágio indispensável para se atingir a conversão filosófica, para se contemplar os campos ensolarados, inconcebíveis e impensáveis a partir do interior da antiga caverna (FURLAN, 2018). A angústia aqui desponta como sintoma desse esvaziamento, esse chamado para o preenchimento que pode mesmo não existir plenamente. Como a dor física, um incômodo causado por uma concussão, que não permite viver sem atentar para aquele latejar, aquela dor incessante que chama o tempo todo a atenção para si e a todo o resto da existência interfere (FOGEL, 2010), a angústia mostra seu caráter existencial mais perene à própria experiência humana, ao “projeto-homem”.

Desta forma, percebe-se que é uma condição essencial do *Dasein*, está enraizada nesse esvaziamento proporcionado pela angústia, uma vez que ele existe no mundo, estando imerso em sua grande parte do tempo no impessoal. Esta condição não envolve uma escolha moral – não se decide conscientemente estar ou não no impessoal. Nesse estado de ser, o *Dasein* frequentemente se encontra na inautenticidade, ou seja, agindo de maneira imprópria. Isso sugere que a disposição para a angústia é fundamental, pois ela possibilita que o *Dasein* se abra para o seu potencial mais autêntico.

Na verdade, pertence à essência de toda disposição abrir, cada vez, todo o ser-no-mundo, segundo todos os seus momentos constitutivos (mundo, ser-em-ser-próprio). Só na angústia subsiste a possibilidade de uma abertura privilegiada na medida em que ela singulariza. Essa singularização retira a presença de sua decadência e lhe revela a propriedade e impropriedade como possibilidades de seu ser (HEIDEGGER, 2002, p. 255).

A angústia, em sua tonalidade afetiva, é mais um indicador, algo que apresenta o modo como *Dasein* se revela diante de ser-no-mundo, apontando para o ser do *Dasein*, explicitando assim o modo como o *Dasein* está afetado. O fenômeno de angústia, aqui, acontece sem aviso, sem controle, espera ou determinação. Angústia é uma quebra com o familiar, o comum e o mundano, fazendo com que o *Dasein* se defronte com o nada. Com efeito, é próprio do ser-no-mundo sequer ter ciência da razão de se angustiar (LEVINAS, 1997). O contato que o ser-no-mundo tem diante de tal fenômeno é consigo mesmo, num fenômeno único e espontâneo, que gera estranhamento diante do que se percebe no mundo. Isso pois, “o com quem da angústia é inteiramente indeterminado. Essa indeterminação não apenas deixa indefinido de fato que ente intramundano ‘ameaça’ como também diz que o ente intramundano é ‘irrelevante’” (HEIDEGGER, 2012, p. 250).

A identificação conceitual de angústia em Heidegger começa com uma comparação com outra emoção, no caso, o temor. Heidegger aponta semelhanças entre esses dois, angústia e temor, por terem como princípio emocional o sentimento de ameaça. Ameaça que, quando o toma conta do homem, seja o homem cheio de temor ou o angustiado, faz com que o *Dasein* fuja. A principal dissociação entre angústia e temor estaria, no entanto, na razão da ameaça. Enquanto no temor a ameaça é proveniente de um ente específico, determinado, verificado no mundo, na angústia, de outro lado, se tem, neste caso, a ameaça do *Dasein* por si só. Acylene Maria Ferreira (2002) analisa de que modo Heidegger trata a angústia, a saber, como o temor mais próprio, a partir do impessoal. Haveria, portanto, uma forma velada de angústia no temor, que se esconde no interior do mundano: “Quando a angústia se desvela, o mundo se oculta e o ser do homem vem à tona. Aí o homem ‘está suspenso dentro do nada’, se sente estranho e mergulhado na sensação de indiferença; o mundo não lhe diz coisa alguma” (FERREIRA, 2002, p. 8). Dessa forma, se dá uma manifestação do nada desvelado na angústia. Segundo Heidegger, a angústia diante do desconhecido desperta no *Dasein* uma peculiar tranquilidade, ao contrário do

medo. Por isso, quando estamos imersos na disposição da angústia, é comum dizermos que “não sabemos o motivo”.

Desta forma, o *Dasein* em Heidegger é angustiado por ele mesmo, por meio de seu ser-no-mundo. Não há, portanto, um determinado ente intramundano que cause a angústia, como seria verificável no temor. Com efeito, é sempre direcionado o temor que se tem, como se verifica quando se diz que alguém tem medo, posto que sempre será dito “medo de...”, enquanto, na angústia, não há a caracterização de um dano que poderia afetar aquele que está sendo ameaçado pelo que é determinado por um poder-ser específico. Não só a angústia deixa o “com quê” indeterminado, como ainda trata esse possivelmente determinado como irrelevante. A angústia se dá não com algo ou alguém, mas com o mundo tal qual é (HEIDEGGER, 2018, p. 250), conseqüentemente, quando estamos tomados pela angústia, não há palavras para descrever a experiência. Bem como destaca Heidegger, “a angústia nos corta a palavra” (1979, p. 40).

Entretanto, essa experiência negativa adquire um caráter positivo quando nos convida a reivindicar algo, expressado tanto na experiência que ocorre antes da negatividade quanto na que ocorre depois. Como observamos a partir de Bornheim (2009), não é possível compreender e expressar adequadamente a própria angústia sem ter ido além do que a angústia propriamente é, tanto na percepção quanto na exposição acerca dela. É impossível compreender a experiência sem confrontar uma afirmação dogmática da sociedade, que na experiência negativa é então desafiada e questionada. Apenas estando fora da experiência negativa, tendo já passado por ela e a sobrepujado, é possível compreender como ela ocupa seu papel dentro de um quadro maior, fundamental e constitutivo, um todo no qual a experiência negativa se localiza, entre dois momentos, um que a antecedeu e em cuja superação ela se constituiu, e outro, pelo qual ela será superada, e só então terá desvelado seu significado (BORNHEIM, 2009, p. 105).

Há, nessa experiência negativa, o espírito cético que Hegel aponta como uma “figura” da postura histórica e do método filosófico, tratando-se aqui, entretanto, de mais do que uma mera postura de dúvida perene, mas de uma relação dialética que, tal qual no cogito cartesiano, a partir do mais desprovido de certezas, (re)construí-la. Como diz Bicca “a razão, em sua integralidade orgânica, compreenderia ao mesmo tempo dogmatismo e ceticismo, afirmação e negação, sem jamais se reduzir nem a

uma coisa nem a outra” (2019, p. 58). E de tal processo dialético, seria possível resultar o autêntico saber: só então se estaria fazendo filosofia.

De igual modo, em Heidegger, há no princípio de toda filosofia uma dialética. A filosofia começa, dessa forma, numa dogmática afirmação da realidade, passando, depois, à negação da afirmação anterior através da experiência negativa, e chegando portando, ao fim, à conversão filosófica que traz a negação da negação, reafirmando o real. Tais momentos, tais etapas, não devem, dessa forma, ser encarados como elementos independentes, de si só completos em princípios e fins particulares, mas como uma ascensão interdependente, na qual uma etapa conduz à outra, e cada uma só se constitui na superação da anterior, ao mesmo tempo em que traz a anterior no seu cerne, dialeticamente gerando, a partir dessa relação com os anteriores, uma nova instância, perspectiva e dimensão (BORHEIM, 2009, p. 109).

Cabe lembrar, entretanto, que o nada em Heidegger possui uma força ainda maior do que a negação pode propriamente dar conta. Enquanto a negação hegeliana está relacionada à subjetividade, em Heidegger, vai, de maneira mais ampla, ao encontro da pergunta de natureza metafísica e ontológica, colocada na *Introdução à Metafísica*, “Por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?” (HEIDEGGER, 1978, p. 34). A experiência negativa que, ao lançar sobre o homem essa nova responsabilidade, de assumir a realidade por meio da conversão que possibilita a reafirmação dialética, acaba por ser, ela mesma, superada, tendo a auto-superação em sua própria razão de ser, dado que, a negativa, por si, impossibilita a existência, a nulifica, tornando necessário o retorno do homem ao mundo, não de forma arbitrária e aleatória, mas eminentemente necessária (BORNHEIM, 2009, p. 110).

Desse modo, um espírito que permanece dobrado para si mesmo torna-se fundamentalmente inaceitável, não resistindo à negatividade, dado que um espírito se redime do negativo quando transcende de seu particular para o real, como diz Bornheim (2009). O espírito, então, é metafísico ao enfrentar a problemática do real e de si mesmo:

A postura metafísica assume o todo do real, num consentimento pleno: o todo do homem consente ao todo do Ser. E porque é o todo do homem que consente, compreende-se que o ato de consentir não é simples, qualquer coisa de uma só peça, mas um todo complexo, afastado de uma atitude simplesmente intelectual, analítica, que se aproxime do seu objeto com a frieza de uma dissecação anatômica (BORHEIM, 2009, p. 120).

Essa densidade do real, o mistério do Ser, ao qual se abre, apresenta uma visão de toda a dimensão do real, e sua importância permanece incalculável para as culturas ocidentais, de modo que, ao fazer um julgamento da relevância de tal contribuição, pode-se encontrá-la mesmo “no resguardo para o homem da presença do real, naquilo que ele é em si mesmo” (BORNHEIM, 2009, p. 129). Todo o saber, portanto, desta forma, se torna acessível pela via da paciência, como um presente só possível de se encontrar na própria presença.

O saber filosófico em Heidegger, desta forma, a verdadeira produção filosófica, se dá mediante a experiência da existência, não se reduzindo aqui ao mero empirismo cientificista, nem tampouco à repetição de preceitos tradicionais decorados, que tão pouco ou em nada dialogam com a experiência do filósofo. Filosofia só se faz a partir da existência, e apenas se lança um olhar de uma instância externa para, a partir desta, retornar ao seu interior, construindo assim uma perspectiva que se abre para a percepção do Ser e das coisas. Não é, evidentemente, uma tarefa fácil ou confortável, pois toda escolha envolve responsabilidade e esforço, e tal é o preço pago pela liberdade própria da filosofia.

Considerações Finais

O conceito de angústia em Heidegger é um elo que une toda a sua ontologia fundamental, sendo não apenas este estágio no qual o ser-aí percebe-se em sua jornada, tendo agora a consciência de que poderá empreendê-la e redescobri-la, que precisará construir seu fundamento por si, mas também a predisposição na qual o ser-aí pode vislumbrar o Ser.

Na investigação aqui realizada, tendo-se percorrido ampla bibliografia sobre angústia e a perspectiva heideggeriana desta, percebe-se que é pela angústia que a negatividade se faz possível. Não se chega a tão radical ruptura sem a experiência do propósito esvaziado pela experiência negativa. A atitude filosófica, o ato que inicia o fazer filosofia, se mostra algo multifacetado, que remete à essência humana em vários aspectos diferentes. A análise construída, pautada essencialmente nas obras *Que é Metafísica* (1999) e *Ser e Tempo* (2015), permitiu construir a evolução histórica do conceito de angústia em Heidegger, e como a angústia se relaciona com *Dasein*, como ambas se complementam em direção à perspectiva fenomenológica e existencial de

ser, que se desvela primordialmente pela experiência de Ser-no-mundo. Precisamente dentro da perspectiva de angústia como tonalidade afetiva fundamental, Heidegger aponta como é essa experiência, esse fenômeno existencial que na afetividade se concretiza, destacando que nele a filosofia ganha sua autenticidade, desvencilhando a filosofia enquanto ciência de qualquer caráter repetitivo ou decorado, dogmaticamente assimilado. Nota-se a responsabilidade filosófica que dá validade à teoria, pois o filósofo autêntico não é mero espectador. Como o ponto de chegada da filosofia é o próprio homem (BORNHEIM, 2009, p. 135), aqui podemos destacar que o correto seria “o ponto de chegada da filosofia seria um campo de possibilidades mais próprias do *Dasein*”. Ainda assim, não se pode, de igual modo, encerrar-se em si mesmo, isolando-se em torno de seus limites individuais, mas de um condicional que lhe permite ser-no-mundo.

Encontra-se, assim, em Heidegger, a partir da angústia, a noção de que somente a abertura que se dá pela disponibilidade colocada para fora do eu subjetivo, em direção ao Ser, pode, assim, trazer ao ser humano a realização de sua própria essência, tornando-se, final e essencialmente, o que se é, possibilidade.

Referências

ALVARES, M. M. S. Sobre a angústia em Heidegger: da perspectiva existencial à ontológica. **Pólemos – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília**, Brasília, v. 8, n. 15, 2019, p. 60-75.

ATAIDE, M. de T. **Significância e mundo em Heidegger**. 2013. 31 f. Monografia (Bacharelado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

AULETE, C. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BARBOSA, M. F. A noção de ser no mundo em Heidegger e sua aplicação na psicopatologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 18, n. 3, 1998, p. 2-13.

BELO, R. dos S. Em torno da teoria das emoções de Sartre. **Kínesis**, Marília, v. VI, n. 11, jul./2014, p. 17-33.

BICCA, L. Hegel: o ceticismo na dialética. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 25, ago./2009, p. 53-78.

BORNHEIM, G. A. **Introdução ao filosofar**: o pensamento filosófico em bases existenciais. 9. ed. São Paulo: Globo, 2009.

BRAGA, T. B. M.; FARINHA, M. G. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 23, n. 1, abr./2017, p. 65-73.

CARDINALLI, I. E. A contribuição das noções de ser-no-mundo e temporalidade para a psicoterapia daseinsanalítica. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, Pinheiros, n. 14, 2004, p. 55-63.

CARDINALLI, I. E. Heidegger: o estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (*Dasein*). **Psicologia USP**, São Paulo, v. 26, n. 2, 2015, p. 249-258.

CARRASCO, B. Dasein ou ser-aí. **Ex-isto**. 2018. Disponível em: <https://www.ex-isto.com/2018/06/dasein-ser-ai.html>. Acesso em: 10.nov.2022.

CAROPESO, F.; AGUIAR, M. B. de. O conceito de angústia na teoria freudiana inicial. **Natureza Humana**, Juiz de Fora, v. 17, n. 1, 2015, p. 1-14.

CARRILHO, M. M. R. **A fundamentação filosófica das noções de cuidado e de responsabilidade no pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo**. Portugal: Universidade de Évora, 2015.

COIMBRA, L. O medo está lá fora, a angústia aqui dentro. **Revista Cult**, 15/04/2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/medo-la-fora-angustia-aqui-dentro>. Acesso em: 14.out.2022.

CORDEIRO, R. Nietzsche: Desertificação e niilismo. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 32, mai./ago. 2013, p. 129-144.

FERREIRA, A. M. C. Culpa e angústia em Heidegger. **Cogito**, Salvador, v. 4, 2002, p. 75-79.

FERREIRA, T. L. “Esboço de uma teoria das emoções”: uma crítica e uma nova compreensão à Psicologia das Emoções em Jean-Paul Sartre. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, dez./2018, p. 443-451.

FREUD, S. Angústia e instintos. *In*: FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos [1930 – 1936]**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia (1895[1894]). *In*: **Primeiras publicações psicanalíticas (1893–1899)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 75-88.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FURLAN, C. H. Admirar a vida: um princípio ao filosofar segundo Bornheim. 2018. *In: Anais da 2ª Mostra de Talentos da Graduação*. Campinas, 2018. Disponível em: https://www.puc-campinas.edu.br/wp-content/uploads/2018/08/FILOSOFIA_Claudio-Henrique-Furlan.pdf. Acesso em: 12.out.2022.

HEIDEGGER, M. **A essência do fundamento**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1987.

HEIDEGGER, M. **Introdução à metafísica**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

HEIDEGGER, M. **Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2011.

HEIDEGGER, M. Que é Metafísica? *In: Conferências e escritos filosóficos*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2015.

KAHLMAYER-MERTENS, R. **Análise estrutural do cuidado em Ser e tempo de M. Heidegger**. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2003.

LADEIRA, F. F. Sartre, o pensador da angústia. **Blog Consciência.org**. 2010. Disponível em: <https://www.consciencia.org/sartre-o-pensador-da-angustia>. Acesso em: 12.out.2022.

LAPLANCHE, J. **Problemáticas I: A angústia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEÃO, C. E. Apresentação. *In: HEIDEGGER, M. Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 11-22.

LÉVINAS, E. **Descobrimos a existência com Husserl e Heidegger**. Trad. Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

MACDOWELL, J. A. A. **A gênese de ontologia fundamental de Martin Heidegger: ensaio de caracterização do modo de pensar de *Sein und Zeit***. São Paulo: Loyola, 1993.

MASSAROLLO JUNIOR, L. S. **O conceito de angústia em Kierkegaard e Heidegger: consonâncias e dissensões**. 2020. 148 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2020.

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. Trad. Mário da Silva. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

NIETZSCHE, F. **Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe in 15 Bänden**. München: Deutscher TaschenbuchVerlag de Gruyter, 1999.

NIETZSCHE, F. **Vontade de Potência**. Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2017.

NUNES, B. **Heidegger & Ser e tempo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

PARMÊNIDES. **Sobre a Natureza**. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 121-126. (Col. Os Pensadores).

PASCHOAL, A. E. A arte da escuta: Nietzsche pelos ouvidos de Derrida. **Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas**, Campinas, v. 5, n. 12, jul./dez., 2021, p. 32-51.

PLATÃO. **A República**. Trad. Edson Bini. 3. ed. São Paulo: Edipro, 2019.

SANTOS, J. T. **Parmênides: Da Natureza**. São Paulo: Loyola, 2002.

REYNOLDS, J. **Existencialismo**. Trad. Caesar Souza. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SARTRE, J.-P. **A transcendência do ego: esboço de uma descrição fenomenológica**. Trad. Pedro M.S. Alves. Lisboa: Edições Colibri, 1994.

SARTRE, J.-P. **Esboço para uma teoria das emoções**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SARTRE, J.-P. **O Imaginário**. São Paulo: Ática, 1996.

SARTRE, J.-P. **O Ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2015.

WEYH, K. M. **Do cuidado como essência da existência do ser-aí em Heidegger**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

Recebido: 06/07/2024
Aprovado: 16/10/2024